

Paula Renata  
Penteado Oliveira  
Graduada em  
Licenciatura em Artes  
Visuais, UFPEL  
paulaa-oliveira@  
hotmail.com

Isabella Whitaker  
Licenciatura em Artes  
Visuais, UFPEL  
isawhitakerart@  
gmail.com

# Desenho como escrita, escrita como desenho: fronteiras moventes para o resgate do ato de desenhar

*Drawing as written, written as drawing: moving borders for the rescue of drawing act*

**Resumo:** Este trabalho visa a reflexão acerca da possibilidade da aproximação entre desenho e escrita na educação. Percebendo que durante o processo de alfabetização, as crianças tendem a abandonar o desenho em função da imposição da escrita como ferramenta primordial de comunicação, propomos um resgate dessa ação de desenhar, a partir da concepção da escrita como um processo gráfico e do ato de desenhar como um processo caligráfico.

**Resumen:** desenho; escrita; relação

**Abstract:** This work aims at the reflection about the possibility of the approximation between drawing and writing in education. Realizing that during the process of literacy, children tend to abandon drawing because of the imposition of writing as a primary tool of communication, we propose a rescue of this action of drawing, from the conception of writing as a graphic process and the act of drawing as a calligraphic process.

**Keywords:** drawing; Writing; Relationship

## INTRODUÇÃO

O desenho é uma das primeiras formas que nós utilizamos para registro do mundo, atuando também como o vestígio da ação realizada ao pensarmos no próprio processo de construção do desenho: seu fazer.

Temos nesse primeiro momento - no início da infância -, o desenho não apenas como modo de representação ou apreensão do mundo, mas agindo também como expressão da descoberta do próprio gesto corporal da criança, que aos poucos passa a utilizar as linhas também como potencia criativa

para o seu imaginário.

Contudo, em meio a construção desse processo de relação entre sujeito e desenho, ou melhor, entre o sujeito e o desenhar, há um atravessamento da alfabetização que causa uma interrupção processual, colocando como único foco para a criança, a comunicação através da escrita, fazendo com que esta tome o lugar do desenho, intervindo diretamente em sua forma de percepção do mundo.

Então o que outrora era um território próximo a criança, torna-se um espaço cada vez mais distante desse sujeito, responsável assim, pela típica frase que passa a coabitar essa relação: o “eu não sei desenhar”.

Assim, surgem questionamentos sobre possibilidades de tornar esse espaço de alfabetização mais próximo do campo das artes, pensando de que modo a escrita pode se tornar um canal para desmistificação e resgate do ato de desenhar.

Essa aproximação pode ser dada pelo entendimento da própria escrita como um processo gráfico, ou seja, podendo ser vista também como um desenho, propondo assim, que a escrita caminhe de modo paralelo ao desenhar, entendendo os atravessamentos de/em ambos como potencializador no desenvolvimento e criação de suas relações, com o sujeito e seu mundo. O escrever torna-se ato de desenhar. E o ato de desenhar também torna-se escrita.

“O que me agrada principalmente, na tão complexa natureza do desenho, é o seu caráter infinitamente sutil, de ser ao mesmo tempo uma transitoriedade e uma sabedoria. O desenho fala, chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia, que uma arte plástica. Creio ter sido Alain quem chegou até o ponto de afirmar que o desenho não é, de natureza, uma plástica; mas se há exagero de sistema numa afirmativa assim tão categórica, sempre é certo que o desenho está pelo menos tão ligado, pela sua finalidade, à prosa e

principalmente à poesia, como o está, pelos seus meios de realização, à pintura e à escultura. É como que uma arte intermediária entre as artes do espaço e as do tempo, tanto como a dança. E se a dança é uma arte intermediária que se realiza por meio do tempo, sendo materialmente uma arte em movimento; o desenho é a arte intermediária que se realiza por meio do espaço, pois a sua matéria é imóvel.” (ANDRADE, Mário de. Aspecto das Artes Plásticas no Brasil. 1965. p.71).

#### DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

*“Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo  
E com cinco ou seis retas é  
fácil fazer um castelo  
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva  
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva  
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel  
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu”  
Aquarela - Toquinho*

Toquinho nos traz nessa música, a facilidade de um desenho acontecer.

Essa “folha qualquer” torna-se o suporte no qual as linhas, os pingos e os riscos passam a se transformar. A reta vira castelo, o pingo gaivotas, os riscos podem ser guarda chuvas e por que não a escrita se tornar desenho?

São nessas mudanças que o desenho vai sendo constituído, permitindo uma instantaneidade em sua realização. É possível construí-lo em uma folha qualquer de caderno, com um simples lápis que se encontra num estojo de um aluno, os mesmos materiais básicos utilizados para a construção da escrita.

Portanto, o fácil acesso aos materiais, atrelado a possível rapidez na obtenção da forma, são possibilidades que permitem que o desenho seja rea-

lizado em sala de aula, lugar no qual nem sempre se tem muitos recursos disponíveis. Esse processo, pensado juntamente à escrita, permite uma aproximação entre ambas as linguagens.

Assim, podemos adentrar uma segunda possibilidade dessa relação, pegando como porta de entrada para reconstrução ou deslocamento, a estética da caligrafia<sup>1</sup>, que nos abre um leque de discussões para pensarmos a escrita enquanto desenho.

A singularidade da caligrafia, a maneira de escrever, o desenho da letra de cada aluno, pode ser entendida como reflexo de seu estado interior e sua personalidade, fazendo com que a escrita carregue consigo sentidos que vão além do simples significado da palavra.

Para pensarmos a ideia de como a caligrafia pode aparecer de forma intrínseca ao desenho, podemos pensar na reconstrução dessa ação, que parte da escrita como dispositivo para o desenho, se transformando em forma gráfica, ou seja, uma composição. Nos apoiamos no trabalho de Mira Schendel (figuras 1 e 2), que se apropria da escrita para compor sua poética, de maneira que a escrita e a caligrafia tomam corpo do trabalho.



Figura 1- Mira Schendel. Sem título, 1960. Técnica mista

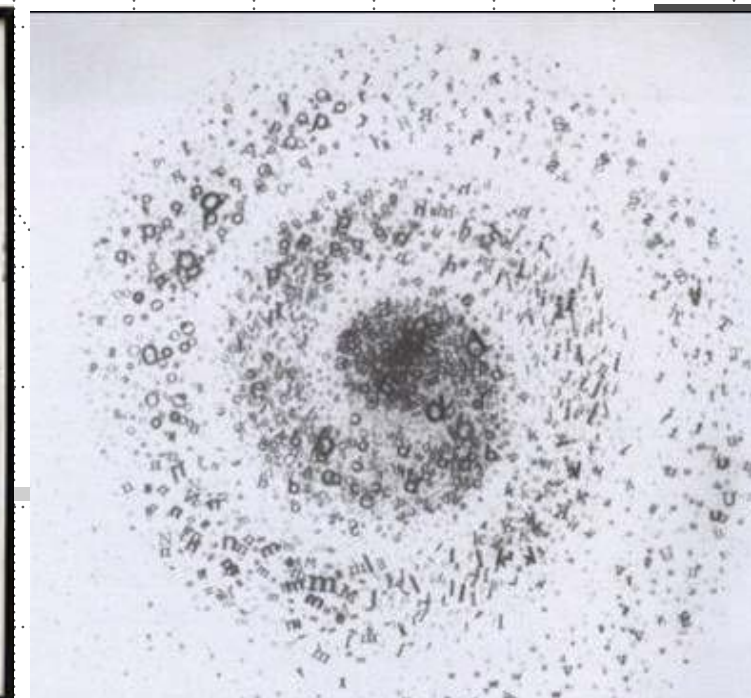


Figura 2 - Mira Schendel. Sem Título. Da série objetos gráficos. 1972



Já no deslocamento dessa caligrafia, as letras aparecem no desenho assumindo a forma da escrita, funcionando como palavras que conversam com as formas apresentadas, não sendo utilizadas a partir de sua plasticidade e sim de seu significado simbólico. Assim, trazemos para entender melhor o deslocamento duas das obras de Leonilson (figuras 3 e 4)

1. Chamamos aqui de estética da caligrafia toda a parte gráfica da palavra escrita, na qual cada sujeito possui seu modo de construção das letras.



Figura 3- Leonilson. Jogos Perigosos, 1990

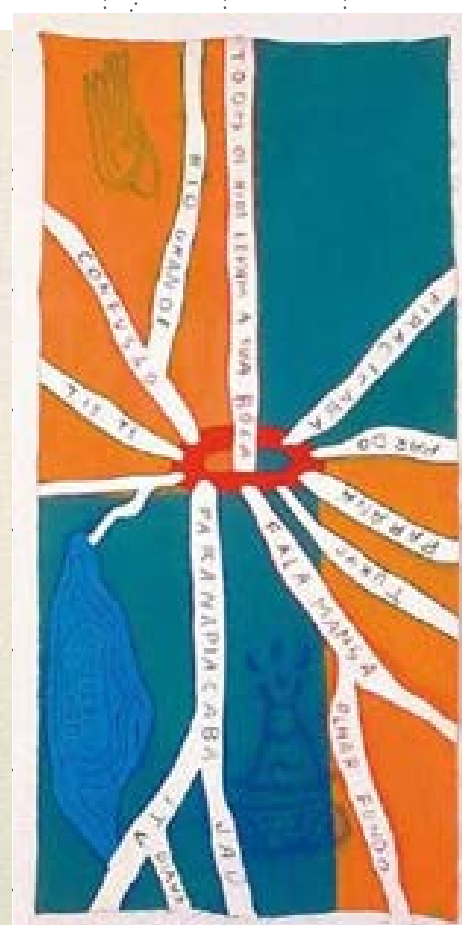


Figura 4- Leonilson. Todos os Rios, 1989

Quando pensamos na realização do desenho aproximado a escrita é porque uma das possíveis relações entre eles se dá pelos elementos plásticos e gráficos, simbólicos e pelo uso do material necessário para sua realização.

Ao trazermos a questão plástica da linha da escrita, buscamos um alargamento das noções a respeito do que pode ser um desenho e do que

múltiplo pode ser seu significado e seu modo de construção.

A partir do momento em que percebe-se a liquidez das fronteiras de ambas as linguagens, o professor pode através do ato de escrita de cada aluno, resgatar o ato de desenhar, partindo do traço pessoal de cada sujeito para desmistificar noções como bonito ou feio que consolidam frases como o “não sei desenhar”.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas reflexões, percebe-se que a linha tênue que está entre a escrita e o desenho é uma linha movente, que transborda os limites de cada linguagem, fazendo com que uma contamine a outra. O processo de desenhar está diretamente ligado ao da escrita. Assim como o desenho reflete nosso interior, a nossa caligrafia pode também mudar, afinal “O atrito entre o sentido convencional das palavras (tal como estão no dicionário) e as características expressivas da escritura manual abre um campo de experimentação poética que multiplica as camadas de significação” (ANTUNES in: DERDYK, 2007)

Cabe ao professor fazer essa aproximação, permitindo que o aluno experimente seu próprio traço, através de sua escrita e que redescubra suas subjetividades por meio dessa exteriorização gráfica, entendendo ambas as linguagens como algo que transcende o estrito viés de só ser comunicação, para ser também expressão.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. **Aspectos das Artes Plásticas no Brasil**. São Paulo: Editora Martins, 1965.

ANTUNES, Arnaldo. Desenho da criação. In: DERDYK, Edith (Org.) **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: SENAC, 2007. p. 125- 132.

TOQUINHO. **Aquarela**. 1983. Disponível em: < <https://goo.gl/hYtdgC> > Acesso em: 20 de Setembro de 2015.

Leonilson. **Jogos Perigosos**. 1990. Disponível em < <https://goo.gl/O9jZ4B> > Acesso em 20 de Setembro de 2015.

Leonilson. **Todos os Rios**. 1989. Disponível em < <https://goo.gl/O9jZ4B> > Acesso em 20 de Setembro de 2015.

Mira Schendel. **Sem título**. 1960. Técnica mista < <http://goo.gl/qwOdsu> > Acesso em 20 de setembro de 2015.

Mira Schendel. **Sem Título**. Da série objetos gráficos. 1972 < <http://goo.gl/4Gyad2> > Acesso em 20 de setembro de 2015.

031

PARALELO31

ISSN: 2358-2528

edição 04 • dezembro de 2015

Paula Renata Pentzade Oliveira; Isabella Whitaker.

